
ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES

DE LUCIEN FEBVRE

PARA A HISTÓRIA

INTELLECTUAL

Rodrigo Augusto de Souza*

Resumo: *este artigo analisa as contribuições de Lucien Febvre (1878-1956) para a história intelectual. O historiador francês, considerado fundador da Escola dos Annales, juntamente com Marc Bloch, dirigiu intensas críticas ao modo de se escrever a história com base nas ideias. Ao introduzir sua noção de história das mentalidades, Febvre contribuiu intensamente para a renovação da pesquisa histórica, oferecendo, inclusive, novas possibilidades para a história intelectual, como procuramos demonstrar em nosso trabalho.*

Palavras-chave: *História Cultural, História Intelectual, Lucien Febvre*

Este estudo procura investigar as contribuições da historiografia francesa, em particular da tradição iniciada a partir da *Escola dos Annales*, para a história intelectual. A nossa atenção se voltará ao pensamento de Lucien Febvre (1878-1956), um dos iniciadores desse movimento de renovação da pesquisa historiográfica no campo da história. O movimento dos *Annales*, ou da chamada história cultural francesa, promoveu uma mudança significativa no modo de se compreender a história. Isso repercutiu também nos estudos e pesquisas realizados com base nessa tradição historiográfica. No caso de Febvre, temos uma original contribuição através da noção de história das mentalidades. Buscamos analisar as especificidades desse novo modo de se produzir a história. A ideia de mentalidade em Febvre possui certa complexidade. Não é um tema de fácil compreensão, uma primeira leitura certamente será insuficiente para compreender o que o historiador francês quis defender com sua história das mentalidades.

Para Revel (2010), Febvre pertenceu à primeira geração da *Escola dos Annales*, pois ao lado de Marc Bloch foi o precursor desse novo modo de se produzir a história. A fundação da Revista *Annales d'Historie Économique et Sociale*, em 1929, se deve aos esforços de Febvre e Bloch e pode ser considerada como marco inicial de uma nova tradição historiográfica. O movimento iniciado em *Annales* alcançou grande repercussão e inspirou gerações de pesquisadores no campo da história e também em outras áreas, como na educação, por exemplo. Essa renovação da pesquisa historiográfica atual é, em parte, consequência da contribuição da história cultural francesa.

Ao chamar a atenção para o cotidiano, o homem e os novos objetos, a história cultural francesa promoveu uma crítica aos antigos modos de se produzir a história. Baseadas no marxismo, positivismo e estruturalismo, essas teorias que marcaram profundamente a história são rejeitadas em lugar de uma pesquisa mais antropológica, cultural e, também, psicológica, pois há uma preocupação com a subjetividade humana. A escola de *Annales* abriu a história para novos métodos e novas possibilidades. Iniciou também o diálogo com outras ciências humanas, como a psicologia, a antropologia e a linguística. Os determinismos, tão caros às tradições científicas mencionadas acima são evitados por *Annales*, bem como a pretensão moral de usar a história para “aprender com o passado” ou oferecer “lições da vida dos homens ilustres”. No campo específico da história intelectual, a crítica é estendida ao hegelianismo e, à demasiada incidência da filosofia na história. A famosa frase de Febvre, citada por Chartier, apresenta a crítica de que a história dos filósofos é “uma história intelectual desencarnada, fechada sobre si mesma, dedicada em vão ao jogo das ideias puras” (CHARTIER, 1990, p.70). A história das mentalidades, proposta por Febvre, se colocou com uma alternativa ao “modo filosófico” da tradicional história das ideias. Examinaremos melhor as nuances da história das mentalidades dentro do projeto intelectual de Febvre.

O HISTORIADOR FRANCÊS

O principal desafio biográfico, nos trabalhos de história intelectual, é que, na maioria das vezes, a vida do personagem em questão aparece apenas como mera ilustração dos estudos e pesquisas (DOSSE, 2009). No caso de Febvre, temos consciência das exigências de um estudo biográfico mais rigoroso, o que

demandaria o acesso às suas obras, ao contexto histórico e político em que ele viveu, e também outras fontes secundárias, como cartas, fotografias, entre outros gêneros que poderiam ser úteis à pesquisa biográfica. Contudo, nosso interesse se volta para a apresentação de aspectos da vida de Febvre que nos permitam compreender, ainda que de modo parcial, a sua trajetória como intelectual e historiador, bem como sua noção de história das mentalidades.

Chartier (1990) entendeu que, entre os historiadores da primeira geração de *Annales*, Febvre teria sido aquele que maior preocupação ofereceu para as relações entre filosofia e história. Sua crítica contundente à “história dos filósofos”, das ideias, e ao gênero denominado filosofia da história, são parâmetros para compreender o seu pensamento. Não obstante a crítica, Febvre se empenhou em apresentar alternativas ao modo de história filosófica, e isso se configurou em sua noção de história das mentalidades.

A vida de Lucien Febvre (1878-1956) foi marcada pelos importantes acontecimentos que marcaram a passagem do século 19 para o século 20. Esse contexto histórico repercutiu sobre seu pensamento. Mas foi sobretudo nas primeiras décadas do século 20 que Febvre recebeu suas influências decisivas. Nasceu na cidade de Nancy, no nordeste da França, onde viveu até sua juventude. Seu pai era filólogo e iniciou desde cedo o contato de Febvre com o estudo de textos antigos e línguas. Em Paris estudou na *École Normale Supérieure*. Nos anos de 1899 a 1902 se dedicou ao estudo da história e da geografia. Defendeu sua tese sobre *Felipe II da Espanha*. Foi forçado a lutar na Primeira Guerra Mundial em 1914 e assumiu o posto de professor da Universidade de Estrasburgo em 1919. Nesse período Febvre firmou sua amizade e parceria intelectual com Marc Bloch. A década de 20 foi importante para que Febvre se aproximasse das ideias modernistas, deixando de lado as antigas tradições historiográficas. A carreira acadêmica de Febvre atingiu o ápice com sua nomeação para uma cadeira no *Collège de France*, onde passou a ensinar em 1933. As duas grandes guerras do século 20 têm um papel importante na formação do pensamento de Febvre, bem como sobre Marc Bloch, de origem judaica, que foi assassinado pelos nazistas em 1944. Febvre acompanhou e viveu os horrores das guerras e suas ideias, de certa forma, respondem a esse ambiente marcado pela barbárie. Foi um dos responsáveis pela formação de Fernand Braudel, que continuou o projeto de *Annales*

após a morte dos fundadores. No ano de 1956, Febvre morreu na cidade francesa de Saint-Amour.

Entre as muitas obras de Febvre, as que mais importam para a história intelectual são: *O Problema da Incredulidade no Século XVI: A Fé de Rabelais e Combates pela História*. Para Chartier (1990), no livro em que Febvre tratou de Rabelais temos o seu projeto de história intelectual. O mesmo pode ser dito com relação a *Martinho Lutero*, outro personagem histórico estudado por Febvre. Seguiremos as recomendações de Chartier e nos concentraremos mais no texto de Rabelais.

FEBVRE E A ESCOLA DOS *ANNALES*

Sabemos que Febvre teve participação decisiva, junto com Marc Bloch, na fundação da revista de *Annales*. O próprio Bloch reconhece textualmente a importância do amigo e colaborador intelectual para a história cultural. Na comovente dedicatória feita para Lucien Febvre no início de sua obra *Apologia da História*, assim se expressa o historiador: “Combatemos longamente, em conjunto, por uma história maior e mais humana. [...] Entre as ideias que proponho sustentar, mais de uma, seguramente, vem diretamente de você. Muitas outras, não saberia decidir em toda consciência se são suas, minhas, ou de nós ambos” (BLOCH, 2001, p. 39).

Na mesma proporção, Febvre também reconheceu em Bloch a parceria intelectual que foi responsável até mesmo pela definição do nome da revista: “Quando Marc Bloch e eu fizemos imprimir essas duas palavras tradicionais (econômica e social) na capa dos *Annales*, sabíamos bem que, especialmente ‘social’, é um desses adjectivos que se fez ao longo dos tempos dizer tantas coisas que por fim já não quer dizer mais nada. Mas foi por isso mesmo que o recolhemos” (FEBVRE, 1989, p. 29). Desse modo, fica evidente a colaboração mútua e o afeto recíproco entre os historiadores responsáveis pelo surgimento da história cultural francesa.

Não é nossa intenção realizar aqui um estudo detalhado sobre as origens da história cultural, mas apenas mostrar, com base nos próprios escritos de Febvre, sua proposta de renovação e mudança no campo da história. Em sua famosa conferência na *École Normale Supérieure*, no início do ano acadêmico de 1941, o historiador se pronunciou sobre a iniciação à história e deixou bem claro o projeto de transformação

historiográfica empreendido por *Annales*. Utilizaremos algumas dessas reflexões de Febvre, que foram publicadas mais tarde na obra *Combates pela História*. Nessa conferência, o autor pede licença aos alunos para substituí-la pela confiança, uma vez que o próprio Febvre tinha sido aluno da instituição em 1899. Nesse sentido, ele evoca suas memórias e vivências para pronunciar-se sobre as mudanças ocorridas no campo da história.

A mudança no modo de se produzir a história, empreendida pela escola de *Annales* serviu de pressuposto para rejeição de antigas formas de ensinar e pesquisar no campo historiográfico. Febvre citou como exemplo a repetição dos manuais didáticos, durante as aulas no processo de escolarização. Uma história monótona e desestimulante. Outra ideia combatida por Febvre é a da história como estudo do passado, completamente descomprometido com a vida presente. Na sua compreensão, o historiador deve ser apaixonado pela vida. Tal definição também é compartilhada por Marc Bloch.

A trajetória de formação de Febvre é colocada em questão. O historiador julga por bem substituir às vezes a conferência pela confiança. No seu entendimento, a história cultural é uma resposta à *crise da história*. Essa crise, para Febvre, é a “crise do próprio espírito humano e consequência das novas concepções de ciências” (FEBVRE, 1989, p. 35). O impacto das mudanças no campo da física, sobretudo com a teoria da *relatividade* levaram Febvre a repensar a categoria de tempo histórico, defendendo a perspectiva da longa duração. A teoria do quanta, da interdependência entre as partes que constituem a realidade levaram a uma compreensão da história interdisciplinar.

Os homens, únicos objetos da história – de uma história que se inscreve no grupo das disciplinas humanas de todas as ordens e de todos os graus, ao lado da antropologia, da psicologia, da linguística, etc.; uma história que não se interessa por um homem abstrato, eterno, de fundo imutável e perpetuamente idêntico a si mesmo, mas pelos homens sempre tomados nos quadros das sociedades de que são membros, pelos membros dessas sociedades numa época bem determinada do seu desenvolvimento, pelos homens dotados de funções múltiplas, de actividades diversas, de preocupações e de aptidões variadas, que se mesclam todas, se chocam, se contrariam, e acabam por concluir entre si uma paz de compromisso, um modus vivendi que se chama a Vida (FEBVRE, 1989, p. 30).

O desafio das ciências humanas é se livrar da dependência das ciências físicas e biológicas, principalmente através do positivismo. As ciências humanas precisam de paradigmas próprios, como defendeu Santos (2000). Febvre apontou para a “tragédia do progresso” e tentou mostrar o “valor humano da ciência”. Desse modo procurou rejeitar o cientificismo e valorizar as ciências humanas. “História, Ciência do Homem, não o esqueçamos nunca. Ciência da mudança perpétua das sociedades humanas, do seu perpétuo e necessário reajustamento a condições novas de existência material, política, religiosa, intelectual” (FEBVRE, 1989, p. 40). A crítica ao positivismo e ao cientificismo pode servir de base para a defesa das ciências humanas e do valor humano das ciências.

Na compreensão de Febvre a história se apresenta como um estudo cientificamente dirigido. Evita nomeá-la como ciência, no entanto, prefere a designação de estudo científico. Nesse sentido, há a rejeição do cientificismo das ciências naturais. O aspecto científico é ressaltado por Febvre, a história pressupõe método, problema e crítica. “Um problema é precisamente o começo e o fim da história. Se não há problemas, não há história. Apenas narrações, compilações. Lembrem-se: se não falei de ‘ciência’ da história” (FEBVRE, 1989, p. 32). A história não é uma simples narração, nem tampouco a compilação dos fatos do passado. “Que nos dêem uma História não automática, mas sim problemática” (FEBVRE, 1989, p. 49). A pesquisa histórica é um estudo científico, dentro da perspectiva das ciências humanas. Lembra Febvre: “Claro que há problemas técnicos. E problemas econômicos. Mas para o futuro da humanidade, o problema que conta – é o problema humano” (FEBVRE, 1989, p. 43). Temos uma importância acentuada do problema na compreensão de história apresentada por Febvre.

Como “estudo cientificamente dirigido”, a história tem a sua preocupação com o método. “Definir a história não pelo seu conteúdo, mas pelo método – que não é sequer o método histórico, mas simplesmente o método crítico” (FEBVRE, 1989, p. 33). A história cultural não ignorou a atividade crítica na pesquisa histórica, ao contrário, trouxe-a como inerente ao seu método. “Método histórico, método filosófico, método crítico: belos utensílios de precisão” (FEBVRE, 1989, p. 49). Parece que Febvre realizou a junção de três métodos julgados importantes por ele, a saber: o histórico, o filosófico e o crítico. Apesar de suas críticas à história e a filosofia, o historiador francês não deixou de reconhecer a importância dessas áreas do conhecimento para a pesquisa histórica. Contudo, segundo seu pensamento, é preciso demarcá-las no horizonte

do conhecimento contemporâneo, isto é, após as significativas mudanças ocorridas no estatuto do conhecimento nos séculos XIX e XX. Trata-se daquilo que Febvre chamou de *crise das ciências*. Produzir a história não é apenas compilar os livros e os manuais didáticos, mas se empenhar em resolver problemas e desenvolver a análise crítica.

Uma das contribuições originais de Febvre para a história cultural foi na articulação das dimensões: homem e tempo. Para Febvre é preciso aprender a: “Situarse no tempo, e no espaço” (FEBVRE, 1989, p. 45). Sabemos que na proposta da escola de *Annales*, a história se ocupa do homem situado no tempo. Aqui vem o problema do tempo, que como já vimos, Febvre procura responder com o diálogo com a física contemporânea, na sua noção de relatividade do tempo. Na história cultural isso se traduziu nos termos do problema da duração do tempo histórico: “duração das interrupções e das esperas”.

Devemos estar certos, como assegura Febvre, de que: “O passado domina em nós, vivos como estamos” (FEBVRE, 1989, p. 47). A dimensão temporal é eminentemente histórica, supõe a capacidade do homem de recorrer a outras civilizações das quais ele é “actor e testemunha”. Essas duas dimensões são problemas: o espaço é o próprio universo, a sociedade, a geografia na qual acontece a história, que por sua vez, contempla a dimensão do tempo. “Para ser mais claro, o Espaço digamos, a geografia. O Tempo: digamos, a história” (FEBVRE, 1989, p. 46). A pesquisa histórica deve se ocupar dessa relação entre o homem no espaço e no tempo, por outras palavras, entre a geografia e a história. Febvre desenvolveu estudos sobre a geografia durante a sua juventude, isso se traduziu, em seus estudos.

Apesar de lançar as bases do método da História Cultural, Febvre tomou o cuidado para que isso não se transformasse em uma espécie de ortodoxia. A mudança sempre foi uma característica de *Annales*. “Em 1929 quisemos, Bloch e eu, uns *Annales* vivos- e tenho esperança de que, por muito tempo ainda, os que prolongarão o nosso esforço prolongarão o nosso querer. Ora, viver é mudar” (FEBVRE, 1989, p. 42). No prefácio que escreveu para a publicação do livro de Jacques Revel, *História e Historiografia: Exercícios Críticos*, José Gondra se pronunciou sobre a história da Revista de *Annales*. “A revista recebeu quatro subtítulos desde sua criação em 1929. Foi criada como ‘Annales d’Historie Économique et Sociale’, passando em 1939 a ‘Annales d’Historie Sociale’. Em 1946, passou a se chamar ‘Annales. Économies, Sociétés, Civilizations’, para, em 1994, receber o nome que permanece até nossos dias ‘Annales.

Historie, Sciences, Sociales” (GONDRA, 2010, p. 7). A mudança permaneceu como uma marca de *Annales*, evitando toda forma de dogmatismo e ortodoxia. Essas nunca foram as intenções de Febvre e Bloch em relação à História Cultural. Tal propósito foi continuado entre os seus seguidores nessa tradição historiográfica.

Fica, portanto, evidenciada a importância de Febvre para a História Cultural. Ao lado de Marc Bloch, e principalmente após a sua morte, Febvre desempenhou um papel fundamental para a propagação da pesquisa história a partir de *Annales*. Acentuaremos a seguir, a importância de Febvre para a história intelectual, mostrando sua crítica à historiografia da filosofia.

CONTRIBUIÇÕES À HISTÓRIA INTELECTUAL

Como bem mostrou Chartier (1990), citando as contribuições de Febvre, a história da filosofia, tal como é praticada pelos filósofos ilustrou o pior de uma “história intelectual desencarnada”. Nesse sentido, é necessário: “Pensar a possível reinserção da história da filosofia na história da produção cultural” (CHARTIER, 1990, p. 74). A história intelectual sempre foi confundida com a história cultural. “Domínio vago e impreciso, a história intelectual, na França, tende a se confundir com a sociologia dos intelectuais, com a história das ideias e mesmo com a sociologia e a história cultural” (SILVA, 2002, p. 11). Ainda indica Helenice Rodrigues da Silva que a história intelectual está na fronteira entre três campos: a história, a filosofia e a sociologia.

Febvre procurou recuperar o aspecto histórico dos sistemas intelectuais, inserindo-o na história da produção cultural. Antes disso, teceu duras críticas aos antigos modos de se praticar a história filosófica, das ideias e/ou intelectual. Para Febvre, é “sempre muito difícil conhecer um homem – a verdadeira fisionomia de um homem, bem entendido”. O principal problema, na visão de Febvre está na forma de abordagem do pensamento dos personagens históricos em questão, os intelectuais. Ao apresentá-los: “Não substituíramos o pensamento deles pelo nosso [...] e não poríamos sentidos que eles não lhes põem de modo algum?”. Para se fazer história intelectual, segundo Febvre, é preciso entrar no “foro íntimo dos debates da consciência”. A indagação que nos fica é: isso seria possível ao historiador? “Centrar a investigação em um homem, escolhido não apenas porque continua célebre, mas por que o estado dos documentos que permitem reconstituir seu pensamento, porque as declarações que

essa obra contém, porque as significações mesmas dessa obra parecem qualificá-la especialmente para semelhante estudo” (FEBVRE, 2009, p. 39). Assim, produzir história intelectual, não é apenas se ocupar dos homens ditos “ilustres” e considerados importantes nos dias atuais. Outro aspecto que Febvre apresentou foi que as fontes históricas, os documentos é que nos mostram a viabilidade ou não de uma pesquisa histórica. Não é o personagem em questão, mas os documentos que encontramos a seu respeito, suas obras. Isso nos garante aquilo é possível falar sobre ele.

Os antigos modos de se produzir a história, criticados por *Annales*, são, a saber: estruturalismo, positivismo e marxismo. Contudo, podemos estender essa crítica outras matrizes historiográficas, apoiadas no pensamento de Hegel e de Ranke. Para Chartier, para se fazer uma autêntica história intelectual é preciso “renunciar a Hegel”, isto é, ao modo de se fazer uma história “espiritualista” e universal. “Todas as formas de história praticadas pelos historiadores – a história original dos Antigos ou dos cronistas medievais, a história universal à maneira de Ranke, a história pragmática moralizante, a história crítica e filológica, e por fim as histórias especiais dedicadas a um domínio particular” (CHARTIER, 1990, p. 73). Um dos objetivos de *Annales* foi evitar o hegelianismo presente no campo da história. Proclamou Febvre, que a filosofia da história era um “gênero morto”.

Nesse sentido, é possível também pensar uma aproximação com outros pensadores franceses do período como Foucault, por exemplo. Na obra *A Ordem do Discurso*, publicação de sua aula inaugural no *Collège de France*, em 1970, Foucault se pronunciou sobre a Análise do Discurso como importante instrumental a serviço das ciências humanas, e principalmente da história. Expôs sua crítica também do hegelianismo e do que chamou de: “logofilia” e “veneração do discurso” (FOUCAULT, 2000, p. 50). Em outras palavras, Foucault estava criticando a “vontade de verdade” presente nos discursos, ou sua justificação supranatural e metafísica. Não há um “logos”, uma “razão” que garante a verdade do discurso. Foucault lembrou que é preciso reduzir o discurso ao seu *status* de acontecimento, ou seja, retirá-lo do plano metafísico. Por outro lado, Foucault salientou a necessidade de se procurar o “discurso interdito”, isto é, a “logofobia”, o discurso tido como “perigoso” e por isso censurado e reduzido ao silêncio.

Chartier (1990) citou algumas vezes as contribuições de Foucault para a história cultural, sobretudo no que concerne à Análise do Discurso e crítica a Hegel. Entre as obras citadas está *A Arqueologia*

do Saber, onde Foucault expôs as particularidades do seu método epistemológico, baseado no procedimento *genealógico*. “História nova contra ‘história filosófica’, os *Annales* contra Hegel. [...] Desta renúncia a Hegel, deste abandono do hegelianismo, a modalidade principal não é a refutação, mas antes o distanciamento, da deslocação” (CHARTIER, 1990, p. 75). Embora, Foucault não seja um representante da história cultural, seu pensamento pode servir de pressuposto metodológico para a pesquisa historiográfica sobre novas perspectivas, muito próximas das defendidas por *Annales*.

Entre os pressupostos de uma história intelectual produzida a partir de Lucien Febvre, temos a afirmação das noções de *mentalidade* e *utensilagem mental*. Essas noções são apresentadas por Chartier, em sua interpretação da obra de Febvre. Assim, a história das mentalidades pode se tornar uma alternativa viável para o desenvolvimento da história intelectual. Por mentalidade entendemos as condições culturais presentes na vida dos homens de uma determinada época. Como o contexto histórico e cultural permite a elaboração da visão de mundo comum aos homens de um momento historicamente situado. Entendemos a mentalidade como a visão de mundo comum aos homens de um período histórico.

A noção de mentalidade ou de utensilagem mental, em nada se relaciona com as ideias de outros pensadores que se ocuparam do tema da mente, como por exemplo, Descartes e o seu famoso *cogito*. Febvre defendeu a noção mentalidade muito próxima do inconsciente coletivo da psicanálise de Jung. Trata-se de uma realidade comum a todos os homens de uma determinada época. Compreender um intelectual significa relacioná-lo com os outros homens do tempo, ou seja, entendê-lo como homem inserido no seu cotidiano. Esse cotidiano é que precisamos conhecer pela história. O cotidiano do homem. Já para o termo utensilagem mental, entendemos como a formação da mente em sua relação com a sociedade e com as outras pessoas.

O “conteúdo” mental não é algo inato, dado pelo desenvolvimento biológico, mas proveniente da sua interação com a sociedade. Outros intelectuais franceses como Bachelard (1999) e Bourdieu (2008) defendem a importância da psicanálise para as ciências humanas. “Uma psicanálise do espírito científico não deixaria de dar atenção às imagens primitivas e às oposições propriamente míticas que deslizam favorecidas pela polissemia das palavras” (BOURDIEU, 2008, p. 179). Lembra-nos Bachelard que: “Antes de descrever o objeto, deve-se

psicanalizar o observador, trazer à tona com cuidado as explicações irracionalmente reprimidas” (BACHELARD, 1999, p. 53). Não se pode tratar da questão de mente sem o recurso à psicologia, em especial à psicanálise, lembrando da teoria de estrutura da mente defendida por Freud, baseada no *id*, *ego* e *superego*. Isso nos parece próximo das ideias de Febvre, quando ele se propôs a “examinar testemunhos e testemunhas” (FEBVRE, 2009, p.44). Há quem considere a história cultural como uma espécie de *psicologia histórica*, por se concentrar na subjetividade humana presente nos personagens e acontecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos, através deste estudo, mostrar as contribuições de Lucien Febvre para a história intelectual. Na renovação da pesquisa historiográfica empreendida por *Annales*, temos elementos significativos que nos ajudam a compreender a história intelectual sobre novas perspectivas. A parceria com Marc Bloch foi importante para que Febvre levasse adiante o projeto de uma “nova” história. O historiador francês foi apresentado a partir do contexto histórico em que ele viveu, marcado por inúmeras tensões políticas, sociais e culturais. Febvre viveu os horrores das duas grandes guerras do século 20. Seu pensamento e sua compreensão da história, de certa forma, têm sintonia com um projeto de reconstrução do mundo e das ciências humanas no período pós-guerra. Na história, entendia Febvre, era possível encontrar uma alternativa à barbárie. Entendia que era preciso uma recuperação do caráter humano das ciências.

Do ponto de vista da pesquisa histórica, Febvre, bem como toda a tradição historiográfica iniciada a partir de *Annales*, combateu o domínio do estruturalismo, do positivismo e do marxismo no campo da história. Aliado a essas críticas, está também sua renúncia ao hegelianismo e a uma história produzida com base nas ideias e nos determinismos. Para Febvre, qualquer tipo de história “mecanicista” deve ser evitado. Em contraposição à história das ideias, temos a noção de mentalidade. Seu projeto está vinculado com a história das mentalidades. O intelectual deve ser entendido em relação com os outros homens do seu tempo histórico. A subjetividade do personagem em questão também deve ser conhecida. A noção de história da mentalidade é a grande contribuição de Febvre para a história intelectual, combatendo a tentação reduzi-la apenas ao plano espiritual ou filosófico.

Compreendemos, portanto, que Febvre contribuiu para a produção de uma história intelectual sobre novos pressupostos. Inserida no horizonte da mentalidade, do cotidiano, do problema e da crítica, a história deve procurar recuperar o seu aspecto humano e subjetivo.

Referências

- BACHELARD, G. *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.
- BLOCH, M. *Apologia da história*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOURDIEU, P. *Economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: Edusp, 2008.
- CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- DARNTON, R. *O beijo de Lamourette*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- DOSSE, F. *O desafio biográfico*. São Paulo: EDUSP, 2009.
- FEBVRE, L. *Combates pela história*. Lisboa: Presença, 1989.
- FEBVRE, L. *O problema da incredulidade no século XVI: A religião de Rabelais*. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2010.
- REVEL, J. *História e historiografia: exercícios críticos*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2010.
- SANTOS, B. S. *Crítica da razão indolente*. São Paulo: Cortez, 2000.
- SILVA, H. R. da. *Fragments da história intelectual: entre questionamentos e perspectivas*. Campinas: Papirus, 2002.

Abstract: this article examines the contributions of Lucien Febvre (1878-1956) for intellectual history. The French historian, considered the founder of the Annales school, along with Marc Bloch, intense criticism directed to the way you write the history based on the ideas. In introducing his notion of history of mentalities, Febvre contributed heavily to the renewal of historical research, offering, including new possibilities for intellectual history, as we seek to demonstrate in our work.

Keywords: Cultural History; Intellectual History; Lucien Febvre

* Doutorando em Educação, na linha de pesquisa de História e Historiografia da Educação, pela Universidade Federal do Paraná. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. *E-mail*: rodrigoaugustobr@yahoo.com.br.